

Empresas se preparam para competir

MARIZA LOUVEN

A década de 90 poderá marcar uma nova fase da economia brasileira, a da competitividade, mas desde que a recessão registrada este ano não se mantenha. As empresas ainda resistem à crise do mercado interno, inclusive com a manutenção de investimentos em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, chave para a produção de bens de alta qualidade a preços baixos: de acordo com levantamento feito pela Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (Anpei), que reúne 89 empresas, seus associados vão investir ao longo deste ano US\$ 400 milhões (Cr\$ 27,2 bilhões, pelo câmbio comercial) em capacitação tecnológica.

O Diretor da Anpei, Mário Barra, admite que muitas empresas ainda estão na expectativa de como o Governo vai conduzir a economia do País, o que combinado com a evidente recessão, poderiam ter um impacto negativo imediato sobre estes investimentos.

Mas isso ainda não está impedindo a destinação de recursos para capacitação tecnológica nas empresas consideradas pela Anpei, porque para elas este é um importante fator de competitividade. Barra prevê que a situação poderá mudar, caso o quadro recessivo se prolongue pelos próximos anos.

Esta é, também, a avaliação da Confederação Nacional da Indústria (CNI), transmitida na última quinta-feira à Ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello. De acordo com os técnicos da CNI, não é a liberalização das importações, mas sim a recessão, o que poderá provocar o su-

cateamento da indústria brasileira.

O Chefe do Departamento Econômico da CNI, José Augusto Coelho, admite que muitas empresas ainda permanecem de braços cruzados, esperando para ver o que vai acontecer: é o antigo vício de aguardar que o Governo tome as decisões e iniciativas, para só então, sem correr riscos, tomar o mesmo barco.

Mas Coelho também observa que muita gente já está se movimentando e cita o setor têxtil, onde o avanço tecnológico significa, no primeiro momento, trocar a maquinaria obsoleta. O economista Mauro Arruda, que é ex-Presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (IN-PI) e Superintendente do Instituto Econômico para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), também afirma que as empresas estão incluindo a capacitação tecnológica como variável importante em seu planejamento de longo prazo.

Os dados levantados pela Anpei revelam que os investimentos programados por suas 89 associadas para este ano representam, em média, 1,8% do faturamento. Segundo Barra, isso mostra que a preocupação com a capacitação tecnológica é, hoje, bem maior do que sugerem as pesquisas anteriores, segundo as quais os investimentos não passam de 0,6% do Produto Interno Bruto (PIB), dos quais apenas cerca de 10% são realizados pelo setor privado.

Até mesmo o uso das vantagens comparativas que o Brasil tem em relação a outros países, como mão-de-obra especializada, ainda relativamente barata comparada com a dos demais, fica dificultada num ambiente recessivo, opina o ex-Ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso.